



La Comédiathèque

Déjà vu

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Déjà Vu

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num futuro onde o suicídio assistido foi substituído por uma reciclagem voluntária, um homem e uma mulher, que se conheceram pouco antes do seu condicionamento, reaparecem na casa totalmente comum do casal já obsoleto que estão destinados a substituir. Restará algum amor quando tudo foi esquecido?

Personagens

Homem 1

Mulher 1

Homem 2

Mulher 2

© La Comédiathèque

Los Mariposas

O terraço de um hotel de luxo. Uma mesa de jardim e duas cadeiras. Um homem chega, com um copo na mão, e senta-se. Vestido de maneira informal, mas elegante, parece relaxado e sereno, como se estivesse de férias. Pega o jornal na mesa com pouco interesse, olha para a capa distraidamente e volta a deixá-lo. Uma mulher chega. Também bastante elegante, tem aproximadamente a mesma idade que ele. Trocam um leve sorriso de cumprimento. Ela caminha em direção ao proscénio, acende um cigarro e fuma, contemplando a paisagem. Ficam assim por um momento, imersos nos seus pensamentos. Ela apaga o cigarro, vira-se, aproxima-se da mesa e estende-lhe um cartão de visita.

Mulher 1 – Estava a seguir-lhe pelo corredor. Este cartão caiu do seu bolso. Não sei se é importante...

Ele pega no cartão e olha para ele, um pouco surpreendido.

Homem 1 – Ah, sim... Obrigado...

Mulher 1 – De nada.

Ele deixa o cartão na mesa e olha para ela. Ela está prestes a ir embora.

Homem 1 – Posso convidá-la para um copo? (*Ela vira-se para ele*) Para agradecer...

Mulher 1 – Não se sinta obrigado...

Homem 1 – Por favor, sente-se. (*Ela senta-se*) O que gostaria de beber?

Mulher 1 – Não sei... O mesmo que você.

Homem 1 – Não sabe o que estou a beber...

Mulher 1 – Confio em si.

Homem 1 – Pode ser a bebida de um condenado... Veneno... Cicuta, como Sócrates.

Mulher 1 – Parece-me mais um dândi inglês do que um filósofo grego... Vou arriscar...

Ele sorri e vai embora. Ela pega o cartão e olha para ele. Depois, volta a contemplar a paisagem, pensativa. Após uma breve pausa, tira um batom da mala e aplica um pouco. Ele volta com um copo.

Homem 1 – Estas montanhas... São realmente magníficas, não são?

Mulher 1 – Sim... Nunca tinha estado na Suíça.

Homem 1 – Ninguém vai para a Suíça... A menos que tenha uma boa razão para isso.

Mulher 1 – É verdade... Diz-se “Ver Veneza e morrer”, mas nunca ouvi ninguém dizer “Ver Lausana e morrer”.

Homem 1 – Morrer de tédio, talvez... (*Estende-lhe o copo*) Aqui está. O mesmo que eu...

Ela pega no copo, cheira o conteúdo e depois molha os lábios no líquido.

Mulher 1 – Whisky...

Homem 1 – Não sei se se pode considerar veneno. Mata, mas muito devagar. Como o cigarro...

Mulher 1 – De qualquer forma, é muito bom.

Homem 1 – Assim espero... Pedi o mais caro que têm. Não fiquei dececionado. O néctar neste copo é quase tão caro quanto a suite que ocupo neste palácio...

Ela sorri. Bebem em silêncio.

Mulher 1 – Intriga-me... Vai-se para a Suíça para esquiar. E ainda é verão. Ou vive-se aqui para não pagar impostos. Mas, nesse caso, não se fica num hotel. Além disso, algo me diz que não tem esse tipo de relação com o dinheiro...

Homem 1 – Acha isso?

Mulher 1 – Se fosse o caso, teria-me oferecido um whisky comum. E provavelmente nem teria notado a diferença. Odeio whisky...

Homem 1 – Que pena...

Mulher 1 – Então...?

Homem 1 – É verdade, não sou amante de esqui nem exilado fiscal... Mas posso devolver-lhe a pergunta. Sem querer ofender, não parece estar muito familiarizada com os palácios...

Mulher 1 – Nota-se assim tanto?

Homem 1 – Os habituais deste tipo de estabelecimentos são desencantados. Nada os surpreende. Você manteve essa capacidade de espanto...

Mulher 1 – Nasci pobre, de facto. É uma doença que deixa sequelas. Mesmo quando se consegue recuperar...

Homem 1 – Costuma-se gozar com os novos ricos, mas compadeço os que nascem multimilionários. É preciso ter conhecido a fome para apreciar verdadeiramente uma boa refeição...

Mulher 1 – Não sou multimilionária. Nem sequer sou rica. Fiquei neste palácio apenas por uma noite...

Homem 1 – Não me diga que está de lua de mel...

Mulher 1 – É uma forma original de perguntar a uma mulher se viaja sozinha... Mas não respondeu à minha pergunta. O que o traz por aqui?

Pausa.

Homem 1 – Já sabe, não é? Já que viu este cartão que me devolveu.

Mulher 1 – Deixou-o cair intencionalmente?

Homem 1 – Quem sabe...

Mulher 1 – Então, um ato falhado...

Homem 1 – A minha vida é uma longa sucessão de atos falhados... No entanto, no final, considero-a bastante conseguida... Então, conhece o estabelecimento que consta neste cartão?

Mulher 1 – Uma clínica...

Homem 1 – Sim. Uma clínica um tanto especial...

Mulher 1 – Que pratica essas reciclagens voluntárias, ainda proibidas no nosso país.

Homem 1 – Antigamente chamavam-se suicídios assistidos. E a Igreja desaconselhava-os veementemente.

Mulher 1 – E estas... reciclagens voluntárias, sabe em que consistem exatamente?

Homem 1 – Pelo que entendi, é um pouco como o recondicionamento de computadores. Trocamos as peças defeituosas, apagamos a memória e voltamos a colocar no mercado.

Mulher 1 – Mas, por definição, ninguém pôde contar a sua experiência...

Homem 1 – Talvez seja por isso que não há serviço pós-venda.

Mulher 1 – Uma forma moderna de metempsicose, em suma. Após a nossa morte, a nossa alma iria habitar outro corpo...

Homem 1 – Ou então, o nosso corpo serviria de receptáculo para outra alma.

Mulher 1 – É um pouco como a religião, afinal, numa forma mais moderna. Basta acreditar num além para que o fim não nos pareça tão definitivo...

Homem 1 – Sim... Mas para aqueles que recorrem aos serviços deste estabelecimento, o importante é pôr fim aos seus sofrimentos atuais, sejam físicos ou psíquicos...

Silêncio.

Mulher 1 – Para quando?

Homem 1 – Amanhã de manhã. Às onze e meia.

Mulher 1 – Lamento...

Homem 1 – Não lamente. Vivi bem. E um dia temos de morrer. Nem todos têm a sorte de poder escolher o lugar e a hora...

Mulher 1 – Compreendo... Um último ato de livre-arbítrio...

Homem 1 – Amanhã devolvo definitivamente a minha chave na recepção. E libero o quarto para outro. É a vida...

Mulher 1 – Sim. A Terra é um hotel. Um hotel de passagem para alguns. Um palácio para outros. Mas todos estamos de passagem.

Homem 1 – E... não tem medo de conversar com um morto-vivo?

Mulher 1 – Provavelmente é uma oportunidade única.

Homem 1 – Então conhecia esta clínica...

Mulher 1 – Aqui todos a conhecem, aparentemente. Ao chegar, o taxista disse-me: espero que não tenha vindo para a clínica da morte.

Homem 1 – E o que lhe respondeu?

Mulher 1 – Preferi dizer-lhe que vinha de férias, para respirar o bom ar da montanha.

Pausa.

Homem 1 – Então você também...

Mulher 1 – De outra forma, nunca teria tido coragem de me aproximar...

Homem 1 – Quando?

Mulher 1 – Amanhã de manhã. Às onze.

Homem 1 – Quase poderíamos ir juntos.

Silêncio.

Mulher 1 – Tranquilo, não vou perguntar-lhe nada sobre a doença que o levou a tomar esta decisão. A menos que seja um mal de viver...

Homem 1 – Prometo ser tão discreto quanto você.

Mulher 1 – Também não vou tentar fazê-lo mudar de ideia.

Homem 1 – Obrigado.

Pausa.

Mulher 1 – E também veio sozinho...

Homem 1 – Sim.

Mulher 1 – Poderia ter passado este último dia com as pessoas que o amam.

Homem 1 – A minha esposa foi a única pessoa que realmente me amou. Partiu antes de mim, infelizmente. Estou afastado do pouco da família que me resta. E não tenho filhos. E você?

Mulher 1 – Decidi poupar esta provação aos meus entes queridos. Bem... digamos antes que decidi enfrentá-la sozinha.

Homem 1 – Uma experiência última de liberdade, como dizia antes...

Mulher 1 – Hoje, nada tem importância... Nunca me senti tão livre.

Homem 1 – Compreendo. De facto, devo ser dos poucos que a podem entender.

Mulher 1 – Foi por isso que me permiti dirigir-lhe a palavra. Vivi toda a minha vida para os outros. Quero viver sozinha este último dia.

Homem 1 – Então é melhor que eu vá...

Ele faz um gesto para se levantar. Ela o detém.

Mulher 1 – Fique, por favor... O que eu queria era... passar este último dia com pessoas que não soubessem que vou morrer amanhã.

Homem 1 – Comigo, isso falhou...

Mulher 1 – Mas nós, pelo menos, podemos entender-nos... Não temos que fingir...

Homem 1 – Tem razão... A pena é insuportável...

Mulher 1 – Mas talvez seja eu quem o incomoda...

Homem 1 – Não me incomoda, garanto-lhe... (*Pausa*) Noutras circunstâncias, provavelmente teria tentado seduzi-la...

Mulher 1 – Como conhecer alguém quando já não se pode falar do futuro, e falar do passado já não faz sentido?

Homem 1 – Resta-nos o presente... Somos duas borboletas que só têm um dia para viver.

Mulher 1 – E apenas vinte e quatro horas para encontrar a alma gémea...

Homem 1 – Já quase não estamos aqui. E, no entanto, nunca vivemos tão intensamente...

Eles olham-se nos olhos.

Mulher 1 – Vai morrer porque já não tem vontade de viver. Eu vou morrer porque a medicina já me condenou.

Homem 1 – É realmente diferente?

Mulher 1 – Ainda pode mudar de ideia...

Homem 1 – Você também.

Mulher 1 – Para mim, só seria adiar a data... Gostaria de poder devolver-lhe a vontade de viver.

Homem 1 – Deu-me vontade de viver este último dia. Consigo...

Ele pega na mão dela.

Mulher 1 – É curioso... Tenho a impressão de que já o conheci.

Homem 1 – Noutra vida, talvez... No Titanic...

Mulher 1 – Então talvez nos encontremos de novo.

Homem 1 – Quem sabe. Por agora, vamos aproveitar o momento. Estou com fome. Janta comigo?

Mulher 1 – Então, desta vez, eu convido.

Homem 1 – Que importa... De qualquer forma, para onde vamos, não poderemos levar dinheiro... Nem sequer francos suíços...

Ela sorri. Levantam-se.

Mulher 1 – Se nos reencarnarmos, espero que não seja como banqueiro suíço.

Homem 1 – Esse é o problema com a reencarnação. Nunca sabemos no que podemos tornar-nos...

Saem.

Escuro.

Actualização

Uma sala de estar comum, mobilada de forma muito simples. Uma caixa do tamanho de um homem está posicionada verticalmente num dos lados da cena, com as inscrições «frágil», «cima» e «baixo». Um homem entra, com um ar bastante comum. Tira o impermeável e o cachecol e pendura-os num cabide. Ao virar-se, vê a caixa e parece surpreendido. Aproxima-se e examina-a com perplexidade. Depois, senta-se e abre um jornal popular, com uma capa sensacionalista sobre um tema atual. Lê durante alguns instantes e começa a adormecer. Enquanto dormita, dois pés saem da caixa, que se move até ao outro lado da cena antes de parar. Entra uma mulher, também com um aspeto bastante comum. Também tira o casaco, pendura-o junto do impermeável e deixa a sua mala. Ao virar-se, vê a caixa. Parece surpreendida, aproxima-se e observa-a. O homem sai do seu letargo.

Homem 2 – Ah, és tu...

Mulher 2 – Sim, sou eu... Quem mais seria?

Homem 2 – Não sei... De onde vens?

Mulher 2 – De fora.

Homem 2 – Ah, claro... Eu também... Está um tempo horrível.

Mulher 2 – Como sempre... O que é essa caixa?

Homem 2 – Que caixa?

Ela aponta para a caixa.

Mulher 2 – Aquela caixa, ali!

Ele olha para a caixa e depois lança um olhar para o outro lado da sala, onde a tinha visto antes.

Homem 2 – Ah, essa caixa?

Mulher 2 – Porquê, há várias?

Homem 2 – Não, não creio...

Mulher 2 – Então...

Homem 2 – Pensava que sabias...

Mulher 2 – Que sabia o quê?

Homem 2 – O que era essa caixa!

Mulher 2 – Pois não, estás a ver, não sei.

Homem 2 – Pensava que era algo que tinhas encomendado. Sem me dizeres...

Mulher 2 – Não encomendei nada.

Homem 2 – Não sei... Um frigorífico. Não encomendaste um frigorífico?

Mulher 2 – Um frigorífico? Porque haveria de encomendar um frigorífico?

Homem 2 – É mais ou menos do tamanho de um frigorífico, não?

Mulher 2 – Porque haveria de encomendar um frigorífico? E sem te dizer, ainda por cima...

Homem 2 – Para substituir o velho.

Mulher 2 – O nosso frigorífico funciona perfeitamente.

Homem 2 – Sim, por isso achei estranho.

Mulher 2 – Além disso, ninguém disse que é um frigorífico.

Homem 2 – Pois não...

Mulher 2 – Porque dizes que é um frigorífico?

Homem 2 – Foi a primeira coisa que me ocorreu.

Os dois olham para a caixa com perplexidade.

Mulher 2 – Uma caixa tão grande... O que poderá ser?

Homem 2 – Sei lá...

Mulher 2 – Além disso, deve ser pesada.

Homem 2 – Sim...

Mulher 2 – Se não foste tu quem pôs esta caixa aqui, então quem foi?

Homem 2 – Pensava que tinhas sido tu.

Mulher 2 – Estou a dizer-te que não fui eu!

Homem 2 – Também não precisas de te zangar.

Mulher 2 – Mas esta caixa não chegou aqui sozinha.

Homem 2 – Talvez tenha sido um estafeta.

Mulher 2 – Um estafeta?

Homem 2 – Um estafeta de frigoríficos... Ou de outra coisa... Um estafeta, enfim.

Mulher 2 – Um estafeta que tenha as chaves da nossa casa?

Homem 2 – Ah, claro. Não tinha pensado nisso...

Mulher 2 – Pois é... Como teria entrado, então? Pela chaminé?

Homem 2 – Pois não...

Mulher 2 – Acreditas no Pai Natal, tu...

Homem 2 – De qualquer forma, não é Natal.

Mulher 2 – E não temos chaminé.

Homem 2 – E uma caixa tão grande como essa nunca caberia pela chaminé.

Mulher 2 – Se não foste tu quem deixou o estafeta entrar, então quem foi?

Homem 2 – Talvez o porteiro.

Mulher 2 – O porteiro?

Homem 2 – Talvez o porteiro o tenha deixado entrar.

Mulher 2 – O porteiro tem as chaves da nossa casa?

Homem 2 – Não sei.

Mulher 2 – Nem sequer sabia que havia porteiro aqui. Há um porteiro?

Homem 2 – Não, acho que não.

Mulher 2 – Então, como queres que seja o porteiro se não há nenhum? E, além disso, ele não tem as nossas chaves...

Homem 2 – Tens razão...

Mulher 2 – Então é um mistério.

Homem 2 – Pois é.

Mulher 2 – Esta história não faz sentido nenhum.

Voltam a olhar para a caixa.

Homem 2 – Talvez seja um engano.

Mulher 2 – Um engano?

Homem 2 – Talvez seja para o vizinho.

Mulher 2 – Para o vizinho, achas?

Homem 2 – Há que verificar...

Mulher 2 – Que vizinho?

Homem 2 – O vizinho da frente. Teríamos de perguntar-lhe se encomendou um frigorífico.

Mulher 2 – Estás a cansar-me com o teu frigorífico. Não sabemos o que está dentro dessa caixa!

Homem 2 – Então só há uma solução.

Mulher 2 – Qual?

Homem 2 – É preciso abri-la.

Mulher 2 – Abrir...? E se não for para nós?

Homem 2 – Não sei.

Mulher 2 – Abrir uma caixa que não é para nós não está certo.

Homem 2 – Isso é verdade.

Mulher 2 – E depois, uma vez aberta, teremos de ficar com ela.

Homem 2 – Tens razão. É melhor devolvê-la sem abrir.

Mulher 2 – Sim. Mas, a quem a devolvemos?

Homem 2 – Pois...

Mulher 2 – Além disso, isso não explica como esta caixa veio parar aqui. No meio da nossa sala.

Homem 2 – Pois não...

Ela observa a caixa mais de perto.

Mulher 2 – Tem uma morada de entrega...

Homem 2 – E então?

Mulher 2 (*lendo*) – Senhor e Senhora... Ah, não, não é engano. É a nossa morada...

Homem 2 – Ah, porra... Então, o que fazemos?

Mulher 2 – Não sei... De qualquer forma, não vejo a morada do remetente...

Homem 2 – Talvez devêssemos chamar a polícia...

Mulher 2 – A polícia?

Homem 2 – Podia ser um pacote-bomba...

Mulher 2 – Não vamos chamar a polícia só porque recebemos uma encomenda e não sabemos o que é.

Um momento de silêncio.

Homem 2 – Ou talvez seja uma prenda.

Mulher 2 – Uma prenda?

Homem 2 – Como não sabemos o que é... Pode ser uma surpresa!

Mulher 2 – Não é o meu aniversário, pois não?

Homem 2 – Não.

Mulher 2 – Também não é o teu.

Homem 2 – Bom, então... Só nos resta abri-la.

Mulher 2 – Achas?

Homem 2 – Se queremos saber o que está lá dentro...

Mulher 2 – Bem... Então, força...

Homem 2 – Eu?

Mulher 2 – Não foste tu quem teve a ideia?

Ele abre a caixa com precaução.

Homem 2 – Acho que vejo alguma coisa...

Mulher 2 – E então...?

Homem 2 – É curioso, parece...

Mulher 2 – O quê?

Um homem sai da caixa, em boxers. Chamaremos a este personagem Homem 1, interpretado pelo ator que fazia de homem na primeira parte.

Mulher 2 – Mas o que é isto...? É uma piada?

Homem 2 – De qualquer forma, não é um frigorífico.

Mulher 2 – Assustou-me... Mas o que faz aí dentro?

Homem 1 sorri, mas não responde.

Homem 2 – Não diz nada...

Mulher 2 – Não... Parece um pouco apalermado...

Homem 2 – Pode ser um ladrão.

Mulher 2 – Um ladrão...? Que se teria metido numa caixa e enviado a si mesmo para nossa casa por correio?

Homem 2 – Tens razão, é estranho...

Mulher 2 – Realmente, ele tem cara de tonto, não tem?

Homem 2 – Talvez seja da viagem... Se veio de longe...

Mulher 2 – De longe? De boxers?

Homem 2 – De qualquer forma, não parece perigoso. Vê, está a sorrir-nos...

Mulher 2 – Talvez seja um migrante.

Homem 2 – Um migrante, achas?

Mulher 2 – Encontrou esta maneira de chegar ao nosso país.

Homem 2 – Mas, como conseguiu a nossa morada?

Mulher 2 – Não sei...

Homem 2 – Os migrantes... geralmente são negros, não?

Mulher 2 – Ou árabes...

Homem 2 – Não parece muito árabe...

Mulher 2 – Talvez seja ucraniano.

Homem 2 – Fala ucraniano?

Mulher 2 – Como queres que ele te entenda se não fala a nossa língua?

Homem 2 – Pois, tens razão...

Mulher 2 – E mesmo que dissesse que sim, falas ucraniano?

Homem 2 – Não...

Mulher 2 – Percebe a nossa língua?

Homem 1 – Sim.

Homem 2 – Ah, olha, percebe-nos.

Mulher 2 – É daqui?

Homem 1 – Não sei...

Mulher 2 – Não sabe se é daqui...

Homem 2 – Também há árabes que falam a nossa língua...

Mulher 2 – O que vamos fazer com ele?

Homem 2 – Como assim, o que vamos fazer com ele?

Mulher 2 – Não vamos mandá-lo para a rua, ele não parece muito bem.

Homem 2 – Pois... E além disso está em boxers.

Mulher 2 – Podia ser atropelado. Seríamos responsáveis.

Homem 2 – Devíamos chamar a polícia. Talvez tenha fugido de um manicómio.

Mulher 2 – Esperemos um pouco... Talvez recupere a lucidez e vá embora por conta própria.

Homem 2 – Bem... Então sente-se aí...

Homem 1 senta-se.

Mulher 2 – Pelo menos não se incomoda.

Homem 2 – E também não é muito falador.

Mulher 2 – Porque é que recebemos em nossa casa um tipo de boxers dentro de uma caixa? Admito, não é nada comum...

Homem 2 – Pois não... Lembra-me uma história.

Mulher 2 – Que história?

Homem 2 – O Cavalo de Tróia.

Mulher 2 – O cavalo de... Não é um cavalo...

Homem 2 – Começo a ter fome. Com isto tudo, ainda não jantámos...

Mulher 2 – Então põe a mesa. Eu vou aquecer o assado de porco.

Homem 2 – E ele?

Mulher 2 – O que é que tem ele?

Homem 2 – Talvez tenha fome.

Mulher 2 – Tem fome?

Homem 1 – Não sei.

Homem 2 – Não sabe se tem fome...

Mulher 2 – Então põe-lhe um prato...

Homem 2 – Talvez ele não coma porco...

Mulher 2 – Porque não haveria de comer porco?

Homem 2 – Se for ucraniano, ou algo assim.

Mulher 2 – Os ucranianos não comem porco?

Homem 2 – Não sei...

Mulher 2 – Em qualquer caso, devíamos dar-lhe roupa. Não vai ficar de boxers.

Homem 2 – Roupa... A minha, queres dizer?

Mulher 2 – Pois sim, a tua. Não a minha...

Homem 2 – Bem, então... Venha comigo, amigo, vou arranjar-lhe alguma coisa...

Saem os três.

Escuro.

Homem 1 está sentado no sofá, em pijama às riscas. Mulher 2 entra de camisola de dormir, sem lhe prestar atenção. Prepara a mesa do pequeno-almoço e serve o café. Homem 2 também entra em pijama às riscas, meio a dormir. Senta-se à mesa e começa a bebericar o café.

Mulher 2 – Tudo bem?

Homem 2 – Levantei-me três vezes para urinar... Acho que bebi demais ontem à noite.

Mulher 2 – Sim, e além disso, roncaste.

Homem 2 – Dói-me um pouco a cabeça... E tu, estás bem?

Mulher 2 – A minha coluna, como sempre... Dói-me sobretudo à noite...

Homem 2 – Talvez devêssemos trocar o colchão.

Pausa.

Mulher 2 – Esperava um pouco que fosse um sonho e que esta manhã ele já não estivesse aqui.

Homem 2 – Sim. Mas ele não se mexeu. Continua aqui.

Mulher 2 – Achas que ele dormiu?

Homem 2 – De qualquer forma, ontem à noite não comeu nada.

Mulher 2 – Nem esta manhã... Quer um café?

Homem 1 – Não sei.

Mulher 2 – Não sabe se quer um café.

Homem 2 – Talvez nem saiba o que é.

Mulher 2 – Toda a gente toma café, não?

Homem 2 – Os chineses costumam beber mais chá. Ou os japoneses.

Mulher 2 – Ele não parece muito chinês, pois não? Nem sequer de pijama.

Homem 2 – De qualquer forma, vamos ter de nos livrar dele...

Mulher 2 – Na verdade, ele não incomoda. Não come, não bebe, não fuma...

Homem 2 – É verdade... A gente quase se esquece de que ele está aqui.

Mulher 2 – Embora... ter alguém em casa que não conhecemos...

Homem 2 – E que nem sequer é daqui, provavelmente.

Mulher 2 – É verdade, não é nada próprio de nós.

Homem 2 – E o que dirão os vizinhos...

Mulher 2 – Os vizinhos?

Homem 2 – Dá um pouco a impressão de sermos um trio, não achas?

Mulher 2 – Não é que seja muito falador...

Homem 2 – Pois não... Quando lhe fazes uma pergunta, responde «não sei»...

Mulher 2 – Sim.

Homem 2 – O que vamos fazer com ele...?

Mulher 2 – Não sei.

Homem 2 – Não sei, não sei... Vês? No final, acabamos a falar como ele.

Mulher 2 – Tens razão, não podemos mantê-lo aqui para sempre.

Homem 2 – Pois é, mas o que fazemos com ele...?

Um momento de silêncio.

Mulher 2 – Já pensaste? Se o eliminássemos, ninguém daria por isso.

Homem 2 – Eliminá-lo? Queres dizer...?

Mulher 2 – Ninguém sabe que ele está aqui...

Homem 2 – Exceto quem no-lo enviou.

Mulher 2 – E ainda não sabemos quem no-lo enviou.

Homem 2 – Nem porquê.

Um momento de silêncio.

Mulher 2 – Se ao menos ele servisse para alguma coisa.

Homem 2 – É verdade. Ele não faz nada em casa.

Mulher 2 – Um pouco como tu, na verdade...

Ele lança-lhe um olhar algo preocupado.

Homem 2 – Eu ao menos ponho a mesa, não?

Mulher 2 – Mas ele, como não come...

Homem 2 – Pois, não faz absolutamente nada... Só está ali.

Mulher 2 – Não diz nada. Não faz nada. Observa-nos. Mas nem sabemos se lhe interessamos.

Homem 2 – Pois é, como Deus, não?

Mulher 2 – Com a diferença de que a ele, sabemos que existe.

Homem 2 – Pois... Ocupa bastante espaço. Achas que cabemos os três no sofá?

Pausa.

Mulher 2 – Talvez devêssemos dar-lhe um nome.

Homem 2 – Um nome? Para quê?

Mulher 2 – Não sei.

Homem 2 – Se lhe damos um nome... acabamos por ganhar afeição por ele. E se depois tivermos que... nos livrar dele...

Mulher 2 – Tens razão...

Homem 2 – O que é que ele fará o dia todo? Quando não estivermos.

Mulher 2 – É raro não estarmos em casa...

Homem 2 – Mas mesmo assim, às vezes saímos. Vamos deixá-lo aqui sozinho?

Mulher 2 – Podemos ligar-lhe a televisão.

Homem 2 – Achas que ele a vai ver?

Mulher 2 – Não sei. Acho que, quando não estivermos, ficaria mais tranquila se soubesse que ele está a ver televisão.

Homem 2 – Pois. (*Liga a televisão, mas o outro não reage.*) Achas mesmo que podemos deixá-lo sozinho em casa?

Mulher 2 – Temos de sair, não? Pelo menos para fazer as compras.

Homem 2 – E eu preciso de comprar os meus passatempos de palavras cruzadas.

Mulher 2 – No fim de contas, que risco corremos? Até um cão se deixa sozinho em casa.

Homem 2 – No máximo, ele vai roer as almofadas do sofá...

Mulher 2 – Vou vestir-me.

Homem 2 – Eu também.

Saem. Homem 1 pega no comando e muda de canal.

Escuro.

Homem 2 e Mulher 2 voltam juntos. Penduram os seus impermeáveis e casacos no cabide. Observam a sala com um ar desconfiado.

Homem 2 – Não está ninguém...

Mulher 2 – Não.

Homem 2 – Talvez tenhamos sonhado...

Mulher 2 – Os dois?

Homem 2 – Uma alucinação coletiva.

Mulher 2 – É estranho...

Homem 2 – Pois é... Quase já nos tínhamos habituado...

Mulher 2 – Volto já. Vou à casa de banho.

Homem 2 – Pelo menos assim há mais espaço no sofá.

Homem 2 senta-se no sofá e lê o seu jornal. Mulher 2 volta, empurrando o Homem 1 à sua frente. Ele está vestido exatamente como o Homem 2.

Mulher 2 – Alegramo-nos cedo demais.

Homem 2 – Onde estava?

Mulher 2 – Na casa de banho.

Homem 2 – Mas o que estava ele a fazer na casa de banho?

Mulher 2 – Nada...

Homem 2 – Podíamos deixá-lo na casa de banho, afinal. Pelo menos não o teríamos à nossa frente o dia todo.

Mulher 2 – Ah, sim? E se quisermos ir à casa de banho?

Homem 2 – Tens razão... Então na cave, que te parece?

Mulher 2 – Nem a um cão o trancaríamos na cave.

Homem 2 – Além disso, nem sequer tenho a certeza de que temos cave.

Pensam um momento.

Mulher 2 – Podíamos transformá-lo numa lâmpada... Pôr-lhe um abat-jour na cabeça.

Homem 2 – Ou numa mesa de apoio... De joelhos, com uma bandeja em cima.

Mulher 2 – Ou numa poltrona...

Homem 2 – Uma poltrona?

Mulher 2 – Então um banco.

Homem 2 – Um pufe...

Olhos postos nele, perplexos.

Mulher 2 – Reparaste? Ele está vestido como tu.

Homem 2 – Foi diretamente ao meu armário. Já nem se dá ao trabalho de pedir...

Mulher 2 – Ele parece-se um pouco contigo, não achas?

Homem 2 – Achas?

Mulher 2 – Deve ser por causa da roupa...

Homem 2 – Não sabemos o que ele está a pensar.

Mulher 2 – Não sabemos se ele é completamente idiota ou...

Homem 2 – Está sempre com um ar de quem sorri.

Mulher 2 – Sim... Parece contente de estar aqui.

Homem 2 – Ou talvez seja só uma careta.

Mulher 2 – Uma careta?

Homem 2 – Uma espécie de expressão, se preferires.

Mulher 2 – Às vezes usas umas palavras...

Homem 2 – São as palavras cruzadas. Às vezes aprende-se uma palavra nova.

Mulher 2 – Isso não significa que tenhas de a usar.

Homem 2 – E ele? Achas que podíamos ensinar-lhe alguma coisa?

Mulher 2 – Como o quê?

Homem 2 – Não sei... A limpar, a cozinhar... Pequenas tarefas... Para que ele se torne útil.

Mulher 2 – Um escravo doméstico, queres dizer...

Homem 2 – No fim de contas, não fomos nós que o trouxemos aqui.

Mulher 2 – Podíamos ter problemas com a polícia.

Homem 2 – Problemas?

Mulher 2 – Ele está aqui há tanto tempo... Podiam acusar-nos de sequestro.

Homem 2 – Diremos que ele chegou por correio.

Mulher 2 – Ninguém vai acreditar... *(Pausa)* Guardaste a caixa?

Homem 2 – Sim, acho que sim... *(Silêncio)* Talvez seja um robô.

Mulher 2 – Um robô?

Homem 2 – Agora fazem robôs muito parecidos... Ou assim dizem...

Mulher 2 – Um robô...?

Homem 2 – Chegou por correio... As pessoas não chegam por correio. Mas os robôs...

Mulher 2 – E porque nos enviariam um robô?

Homem 2 – Não sei...

Mulher 2 – Pediste um robô?

Homem 2 – Não...

Mulher 2 – Um robô que, além disso, se parece contigo. Que se veste como tu. E que não serve para nada.

Homem 2 – Obrigado por não dizeres “como tu”.

Mulher 2 – Ele mexe-se um pouco, afinal...

Homem 2 – Quando lhe pegas na mão, sim. Se não...

Mulher 2 – É verdade que nunca toma nenhuma iniciativa.

Pausa.

Homem 2 – Ou talvez seja um extraterrestre.

Mulher 2 – Um extraterrestre?

Homem 2 – Por que não?

Mulher 2 – Os extraterrestres, em geral, chegam em discos voadores. Não chegam por correio!

Homem 2 – Isso também é verdade...

Mulher 2 – E, além disso, porque é que uns extraterrestres iriam querer vir para nossa casa?

Homem 2 – Talvez para nos espiar. Ver como vivemos...

Mulher 2 – Vão ficar desiludidos...

Homem 2 – Pois bem, vou-me deitar.

Mulher 2 – Achas que podemos deixá-lo assim enquanto dormimos os dois?

Homem 2 – Não sei. Tens medo?

Mulher 2 – Agora que me disseste que ele poderia ser um extraterrestre!

Homem 2 – Podíamos trancá-lo nalgum lugar durante a noite.

Mulher 2 – Trancá-lo? Onde?

Homem 2 – Na casa de banho.

Mulher 2 – A casa de banho fecha-se por dentro.

Homem 2 – Ah, sim, é verdade...

Mulher 2 – Ou podíamos amarrá-lo.

Homem 2 – Amarrá-lo como um cão...? Isso é um pouco desumano, não achas?

Mulher 2 – Foste tu quem disse que ele era um robô extraterrestre.

Homem 2 – Não disse que tinha a certeza.

Mulher 2 – Não importa, vamos deixá-lo assim.

Homem 2 – Pois bem... (*A Homem 1*) Boa noite, então...

Homem 1 – Boa noite.

Mulher 2 – Pelo menos, é bem-educado...

Homem 2 – Sim... Esperemos que não nos assassine enquanto dormimos.

Mulher 2 – É preciso morrer de alguma coisa...

Saem.

Escuro.

Homem 1 está no sofá, de pijama às riscas. A mesa do pequeno-almoço está posta. Mulher 2 entra de camisola de dormir e parece surpreendida ao ver a mesa já preparada. Serve-se de café e começa a bebericar. Homem 2 entra, também de pijama às riscas, ainda meio adormecido.

Mulher 2 – Obrigada por preparares o pequeno-almoço. Mas, não é o nosso aniversário de casamento, pois não?

Homem 2 – O pequeno-almoço? Não fui eu, acabei de me levantar...

Mulher 2 – Então quem foi?

Olham para Homem 1.

Homem 2 – Achas que foi ele?

Mulher 2 – Quem mais?

Homem 2 – Bem, então... Obrigado.

Homem 1 – De nada.

Mulher 2 – Outra palavra nova...

Homem 2 – Pois é...

Mulher 2 – Parece que está a aumentar o seu vocabulário.

Homem 2 – Sim. Até o apanhei a fazer as minhas palavras cruzadas...

Mulher 2 – Talvez esteja a começar a afeiçoar-se a nós. Preparou o pequeno-almoço para nos agradecer por o termos em casa.

Homem 2 – Ou talvez esteja a tentar ser simpático para que não o mandemos embora.

Mulher 2 – Ah, sim... As crianças fazem isso também...

Homem 2 – Preparar o pequeno-almoço, queres dizer?

Mulher 2 – Tentar ganhar simpatia... Para que não as mandem embora. (*Pausa*) Por que não tivemos filhos, afinal?

Homem 2 – Tu não querias.

Mulher 2 – Eu?

Homem 2 – Eu achava que eras tu que não querias.

Mulher 2 – Eu? Nada disso!

Homem 2 – Então entendemo-nos mal.

Mulher 2 – Em qualquer caso, já é tarde.

Olham para Homem 1.

Homem 2 – Ele está um pouco crescido para ser uma criança.

Mulher 2 – Sim... Tem mais ou menos a tua idade... Mas ele parece um pouco mais novo, não achas?

Homem 2 – Nem sequer sabes quantos anos ele tem.

Mulher 2 – Sim, mas... Não sei, parece-me que não aparenta a idade.

Homem 2 – Bem, tenho uma consulta com o médico esta manhã.

Mulher 2 – E eu tenho que fazer as compras. (*Dirigindo-se a Homem 1*) Vais portar-te bem enquanto não estivermos?

Homem 2 – Não sei se lhe estás a falar como a uma criança ou como a um cão.

Mulher 2 – Uma criança não podíamos deixar sozinha, de qualquer maneira.

Homem 2 – Com sorte, até pode ser que ele comece a limpar enquanto não estamos. Se te viu a fazer isso.

Mulher 2 – Tu levas anos a ver-me fazê-lo, e ainda não aprendeste...

Saem.

Escuro.

A mesma sala de estar. Homem 1 está sentado no sofá. Outra caixa, semelhante à anterior, está num canto da sala. Homem 2 e Mulher 2 voltam juntos. Penduram os impermeáveis e casacos no cabide. Mulher 2 lança um olhar para Homem 1 e esboça um sorriso. Depois vê a caixa e o sorriso desaparece.

Mulher 2 – Não pode ser...

Homem 2 – O quê...? (*Olha para a caixa*) Não...

Mulher 2 – E isto agora, o que é?

Observam a caixa com perplexidade.

Homem 2 – Achas que vão chegar muitas mais, assim?

Mulher 2 – Não sei.

Homem 2 – Isto começa a parecer uma invasão, não?

Mulher 2 – Uma invasão extraterrestre, queres dizer? Pelo correio?

Homem 2 – É verdade que é estranho.

Mulher 2 – Pois é...

Homem 2 – Embora, ainda não sabemos o que está dentro.

Mulher 2 – Pois abre-a.

Homem 2 abre a caixa. De lá sai uma mulher (interpretada pela atriz que fazia de mulher na primeira parte). Ela está de camisola de dormir e tem um sorriso nos lábios.

Homem 2 – Desta vez é uma mulher...

Mulher 2 – Assim temos um par.

Homem 2 – Achas que são...?

Mulher 2 – Marido e mulher?

Homem 2 – Porque não?

Mulher 2 – Não parece que se conheçam... De qualquer forma, não se dizem nada.

Homem 2 – Espero que não se ponham a reproduzir-se...

Mulher 2 – Ela parece mais desperta do que ele...

Homem 2 – Achas?

Mulher 2 – Ele não parece muito inteligente, pois não?

Homem 2 – Não sei... Ontem joguei uma partida de damas com ele e ele ganhou-me.

Mulher 2 – Isso não nos diz o que vamos fazer com ela.

Homem 2 – Achas que devíamos ficar com ela?

Mulher 2 – Que outra coisa poderíamos fazer?

Homem 2 – Mesmo assim, começam a ocupar muito espaço.

Mulher 2 – Não podemos deixá-la aí, de pé no meio da sala. Vamos sentá-la ao lado dele.

Mulher 2 pega Mulher 1 pelo braço e fá-la sentar-se ao lado de Homem 1 no sofá.

Homem 2 – Já nem sequer vamos poder sentar-nos no nosso próprio sofá.

Mulher 2 – Se ao menos tivéssemos um quarto de hóspedes. Mas não temos amigos.

Homem 2 – Não, mas agora tenho a sensação de ver a dobrar.

Silêncio. Mulher 1 inclina-se para Homem 1 e sussurra-lhe algo ao ouvido.

Mulher 2 – Parece-me que ela lhe disse alguma coisa...

Homem 1 e Mulher 1 olham na sua direção.

Homem 2 – Sim... Parece que estão a falar de nós...

Mulher 2 – O que estarão a tramar...?

Homem 2 – Devíamos perguntar-lhes.

Mulher 2 aproxima-se dos outros dois.

Mulher 2 – Estavam a falar de nós?

Mulher 1 – Sim...

Homem 2 – E... queriam perguntar-nos alguma coisa em particular?

Homem 1 – Sim...

Mulher 1 – Quem são vocês?

Homem 2 e Mulher 2 trocam um olhar inquieto.

Escuro.

O Casal 1 está sentado à mesa, em pijama e camisola de dormir. Estão a tomar o pequeno-almoço.

Mulher 1 – Mais um pouco de café?

Homem 1 – Sim, por favor.

Ela enche-lhe a chávena, sorrindo. Provam o café e fazem uma careta.

Mulher 1 – Passa-me o açúcar, por favor?

Homem 1 – Claro...

Ele passa-lhe o açúcar.

Mulher 1 – Obrigada. Muito amável.

Bebem o café. Silêncio algo desconfortável.

Homem 1 – Desculpe, mas... conhecemo-nos?

Mulher 1 – Não, não creio.

Homem 1 – Pois, também me parecia. (*Novo silêncio*) Embora tenha a sensação de...

Mulher 1 – Sim, eu também.

Homem 1 – Lembra-se de alguma coisa? Refiro-me a... antes de chegarmos aqui.

Mulher 1 – Absolutamente nada.

Homem 1 – Nem eu.

Voltam a beber um gole de café.

Mulher 1 – Este café está mesmo mau.

Homem 1 – Sim, teremos de comprar outra marca.

O Casal 2 entra, com a mesma roupa. Obviamente, ficam surpreendidos ao ver os seus lugares ocupados e não sabem bem o que fazer.

Homem 2 – Estão a ficar demasiado à vontade, não achas?

Mulher 2 – Pois é... Já nem estamos na nossa casa.

Homem 1 – Querem café?

Mulher 1 – Ainda está quente.

Homem 2 – Sim, obrigado...

Mulher 2 – Eu também, por favor. Sem açúcar.

Mulher 1 serve-lhes duas chávenas.

Homem 1 – Mas sentem-se, por favor.

Mulher 1 – De qualquer forma, já tínhamos acabado.

O Casal 1 levanta-se e sai a sorrir.

Homem 2 – São bastante simpáticos, afinal.

Mulher 2 – Sim, deixaram-nos café.

Homem 2 – Mas quanto ao pão...

Mulher 2 – Só sobraram as migalhas.

Homem 2 – Dormiste bem, já agora?

Mulher 2 – Tive um sonho estranho.

Homem 2 – Eu também.

Mulher 2 – Sonhei que estava viva.

Homem 2 – Como se pode sonhar que se está vivo?

Mulher 2 – Não sei...

Homem 2 – Se sonhamos que estamos vivos, é porque já estamos mortos, não?

Mulher 2 – Sim, faz sentido. (*Pausa*) Então achas que tudo isto é apenas um sonho?

Homem 2 – Mais uma pesadela, então...

Mulher 2 – Mas vá, existimos! Se não existíssemos, saberíamos, não?

Homem 2 – Ao mesmo tempo, se não existimos, como saber que não existimos?

Mulher 2 – Isto está a tornar-se demasiado complicado para mim.

Homem 2 – Penso, logo existo. Mas se não existo, não posso pensar que não existo...

Mulher 2 – Vou servir-me de mais um pouco de café...

O Casal 1 entra, vestido como o Casal 2 quando não estão em roupa de noite.

Mulher 1 (*a Homem 1*) – Achas que podemos deixá-los sozinhos em casa?

Homem 1 – Por agora, não temos muita escolha.

Mulher 1 (*ao Casal 2*) – Vamos sair para fazer umas compras.

Homem 2 – Compras? Que tipo de compras?

Mulher 1 – Não podemos ficar vestidos assim, pois não?

Homem 1 – Para não falar da comida... Não vos faz mal comer todas essas porcarias?

Homem 2 – Bem... estamos habituados...

Mulher 1 – Vamos ao mercado comprar produtos frescos.

Mulher 2 – Querem dinheiro?

Homem 1 – Não é preciso, obrigado.

Mulher 1 – Pegámos no vosso cartão de crédito.

Mulher 2 – Ah, perfeito...

Homem 1 – Pois bem... então portem-se bem...

O Casal 1 sai. O Casal 2 troca um olhar perplexo.

Mulher 2 – Foram-se embora.

Homem 2 – Achas que vão voltar?

Mulher 2 – Espero que sim... Levaram o cartão de crédito.

Homem 2 – Pode parecer-te estranho, mas quando eles não estão aqui, tenho a sensação de existir ainda menos. Não te acontece o mesmo?

Mulher 2 – Sim... (*Pausa*) Onde estão as caixas?

Homem 2 – No armário da vassoura.

Mulher 2 – Já volto...

Mulher 2 sai. Homem 2 pega no jornal, dá-lhe uma olhada e volta a pousá-lo.

Homem 2 – É o de ontem, e já fiz as palavras cruzadas. Espero que ela se lembre de comprar o jornal de hoje.

Mulher 2 volta com um pedaço de papel.

Mulher 2 – Não encontrei a morada do remetente...

Homem 2 – E então?

Mulher 2 – Mas havia um número de telefone. Estava escrito em letras muito pequenas. Apontei-o aqui.

Observam a caixa.

Homem 2 – O que fazemos?

Mulher 2 – Vou ligar...

Ela marca um número num telefone fixo antigo.

Homem 2 – Não atendem?

Mulher 2 – Está a tocar... Sim, olá... Sim, sou eu... Ah, já sabem quem sou... Então já estão ao corrente... De acordo... Então suponho que seja um engano... Não? Como assim, não...? Está bem... Não, não, aguardamos a vossa chamada... Obrigada... Sim, igualmente...

Ela desliga o telefone.

Homem 2 – E então?

Mulher 2 – É do Ministério do Ser ou Não Ser.

Homem 2 – Ah, sim... Antes chamava-se Ministério do Ser e do Nada, acho eu.

Mulher 2 – Esses ministérios, mudam de nome com cada governo.

Homem 2 – E então?

Mulher 2 – Disseram que são os nossos substitutos...

Homem 2 – Como assim, os nossos substitutos?

Mulher 2 – Estudaram o nosso dossiê. Não somos suficientemente eficientes. Já não trabalhamos. Não consumimos o suficiente. Estamos frequentemente doentes. E a nossa pegada de carbono é desastrosa.

Homem 2 – E então?

Mulher 2 – Vão substituir-nos.

Homem 2 – Isto é uma loucura... Mas o que vão fazer connosco?

Mulher 2 – Isso ainda não sei...

Homem 2 – Não nos vão reciclar, pois não? Como se fôssemos simples embalagens.

Mulher 2 – Disseram que nos voltariam a ligar.

Homem 2 – Não vamos deixar-nos levar, pois não?

Mulher 2 – Que podemos fazer? É o Ministério...

Silêncio.

Homem 2 – Então esses dois são os nossos substitutos.

Mulher 2 – Ao que parece.

Homem 2 – Mas quem são?

Mulher 2 – Pessoas... com o disco rígido formatado.

Homem 2 – E a nós não nos podem formatar?

Mulher 2 – Disseram que não... O modelo é demasiado antigo... Já não há atualizações possíveis...

Homem 2 – Substituir-nos...

Mulher 2 – É verdade que não somos insubstituíveis...

Homem 2 – Pois... Talvez nos tenhamos deixado um pouco...

Mulher 2 – E agora já é tarde... (*O telefone toca, e ela atende*) Sim...? Bem... Não, não... Está bem...

Homem 2 – Eram eles?

Mulher 2 – Sim.

Homem 2 – E o que disseram?

Mulher 2 – Que temos de reutilizar as caixas para a devolução dos modelos antigos.

Homem 2 – Os modelos antigos...? Queres dizer... nós?

Silêncio.

Mulher 2 – Achas que os nossos substitutos são melhores do que nós?

Homem 2 – A verdade é que são um pouco mais... elegantes.

Mulher 2 – Elegantes?

Homem 2 – E, além disso, ele ganhou-me no xadrez...

Pausa.

Mulher 2 – Não dizem grande coisa. Sabem quase nada.

Homem 2 – Mas, ao que parece, aprendem rápido.

Mulher 2 – Sim... Tão rápido quanto nós esquecemos o pouco que ainda sabíamos.

Homem 2 – E se nos livrássemos deles...?

Mulher 2 – Achas que temos o direito de fazer isso?

Homem 2 – Seguramente não. Mas não teriam ninguém para nos substituir.

Mulher 2 – Mas é o Ministério, ainda assim... Podemos meter-nos em sarilhos...

Homem 2 – Sarilhos...? Mais do que estar mortos, queres dizer?

O Casal 1 regressa. Estão vestidos de forma muito mais elegante e nem sequer parecem prestar atenção ao outro casal.

Homem 1 – Vamos ter de pensar em redecorar a casa.

Mulher 1 – Sim... E nem falar das pinturas.

Homem 1 – Renovar, como dizem os agentes imobiliários.

Mulher 1 – Vou pôr as compras no frigorífico. Por falar nisso, o frigorífico também precisa de ser renovado...

Homem 1 senta-se no sofá e abre um jornal.

Homem 2 – Não terão comprado os meus passatempos de palavras cruzadas, por acaso?

Homem 1 – Ah, não, desculpe...

Mulher 1 regressa e olha de soslaio para o primeiro casal.

Mulher 1 – Ainda estão aqui...

Homem 1 – Sim.

Mulher 1 – Quando é que os vêm buscar?

Homem 1 – Disseram que em breve...

Mulher 1 – Tenho pena deles, mas pronto...

Homem 1 – Pois... Não souberam adaptar-se.

Mulher 1 – O que vamos fazer com eles, entretanto...?

Homem 2 e Mulher 2 trocam um olhar inquieto.

Escuro.

A mesma sala. Duas caixas encontram-se em cada extremo do palco. O Casal 1 regressa.

Homem 1 – Então, já está?

Mulher 1 – Sim. Meti-os nas caixas.

Homem 1 – Mas não vão ficar aqui, pois não?

Mulher 1 – Virão buscá-las amanhã.

Homem 1 – Perfeito.

Silêncio.

Mulher 1 – Achas que um dia será a nossa vez?

Homem 1 – Provavelmente...

Mulher 1 – E quem nos substituirá?

Homem 1 – Outros que não sejamos nós, imagino. Melhores.

Mulher 1 – Então teremos de fazer atualizações com frequência...

Homem 1 – E se começássemos por nos conhecermos?

Mulher 1 – De acordo. Mas como vamos conhecer-nos, se nem sequer nos conhecemos a nós próprios? Não nos lembramos de nada.

Homem 1 – É verdade.

Mulher 1 – Somos como crianças recém-nascidas.

Homem 1 – As crianças sabem tudo o que precisam de saber sobre si mesmas, e nada sobre o mundo que as rodeia. Nós é mais o contrário.

Homem 1 – Sim... Somos recondicionados.

Mulher 1 – O sistema operativo ainda está lá.

Homem 1 – Apenas a memória e os dados pessoais foram apagados.

Mulher 1 – Também teremos de saber um pouco quem eram essas pessoas.

Homem 1 – Se é suposto substituí-las...

Mulher 1 – Pergunto-me para onde as vão enviar de volta.

Homem 1 – Provavelmente para o lugar de onde viemos.

Mulher 1 – E porque é que nos escolheram a nós os dois...?

Homem 1 – Achas que não foi coincidência?

Mulher 1 – Não sei porquê, mas fico feliz de estar aqui contigo.

Homem 1 – Eu também.

Mulher 1 – Talvez nos tenhamos conhecido noutra vida.

Homem 1 – Achas que já éramos marido e mulher?

Mulher 1 – Ou talvez não tenhamos coincidido. Não nos encontrámos no momento certo, ou encontrámo-nos demasiado tarde.

Homem 1 – Então esta será a nossa segunda oportunidade.

Mulher 1 – É muito romântico...

Homem 1 – Sim... Temos de celebrar!

Mulher 1 – Acho que vi uma garrafa de whisky num armário.

Ela sai por um momento. Homem 1 olha em volta com uma certa perplexidade. Ela volta com dois copos e estende-lhe um. Fazem um brinde.

Homem 1 – Ao nosso encontro, então...

Mulher 1 – Ou ao nosso reencontro, quem sabe...

Bebem.

Homem 1 – É o pior whisky que já provei. Não te parece?

Mulher 1 – Ou talvez seja porque não gosto de whisky...

Olham em volta e levantam os copos na direção das caixas.

Homem 1 – Uma vida que termina... e outra que começa...

Mulher 1 – Sim... E, considerando de onde viemos... só pode melhorar.

Tocam à porta.

Homem 1 – Deve ser para recolher as caixas...

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-270-8

Documento para download gratuito